

CORPOS QUE TRANSITAM: AS TRAJETÓRIAS DESAFIADORAS DE DOIS HOMENS

Eli do Socorro Gonçalves Pinheiro¹
Cristina Donza Cancela²

RESUMO

Este trabalho apresenta o que foi desenvolvido como tese de doutoramento vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia/PPGA, da Universidade Federal do Pará/UFGA, intitulada *Corpos que transitam: as trajetórias desafiadoras de dois homens*, cuja proposta foi a de focar a trajetória, os desafios e as conquistas de duas pessoas do gênero masculino, observando seus trânsitos e vivências do tempo da infância ao atual, em seus vários espaços de sociabilidade. Para efeito comparativo, trabalhamos com homens com idades distintas, um de 27 anos e outro de 50 anos, para analisar aproximações e diferenças entre eles em função da diferença geracional. Além disso, nosso interlocutor com mais idade é referido como o primeiro homem trans da região norte, morador de Marituba, no Pará. Nessa construção foram pensados conceitos importantes, como: gêneros, interseccionalidades, narrativas, trajetórias, sexualidades e transexualidades, buscando em vários autores/as os entendimentos necessários e, dentre alguns desses estão: Avtar Brah, Berenice Bento, Claude Lévi-Strauss, Erving Goffman, Guacira L. Louro, Guilherme S. de Almeida, Jaqueline G. de Jesus, Joan Scott, Judith Butler, Márcia R. Arán, Maria Thereza Ávila D. Coelho, Michel Foucault, Peter Fry e Edward Mac Rae, Pierre Bourdieu, Raewyn Connell e Rebecca Pearse, Simone N. Ávila, Suely Kofes, Thomas Laqueur. Os resultados ressaltaram a importância dos marcadores sociais e da interseccionalidade que evidenciou a diversidade de experiências para outros elementos, compondo seus processos de transições: as performatividades, as relações e os afetos, bem como, o entendimento sobre viver as violências visíveis e veladas sobre o corpo biologizado.

Palavras-chave: Gêneros, Interseccionalidades, Sexualidades, Trajetórias, Transexualidades.

1 Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará - UFPA e Docente do Centro Universitário Metropolitano da Amazônia - UNIFAMAZ, autora principal eli.pinheiro@famaz.edu.br elim-pinheiro1503@gmail.com

2 Professora orientadora. Doutora em História pela Universidade de São Paulo-USP e Docente da Universidade Federal do Pará - UFPA donza@gmail.com

INTRODUÇÃO

Trago aqui um recorte baseado em minha tese de doutorado o qual mantive o mesmo título e, por isso, usarei *apud* com recorrência, por motivos óbvios, haja vista tê-la trazido para cá resumidamente, destacando-a a partir de meu interesse sobre os estudos de gêneros, embasadas em minhas experiências como assistente social, mulher cisheterossexual³, e aliada aos diversos segmentos sociais pela expansão de direitos, atuando na Assitência Social e na Segurança Pública, espaços os quais deparava-me com pessoas apresentando alguma das identidades associadas às sexualidades (pessoas homossexuais) ou de gêneros (pessoas transgênero), o que provocou em mim pensamentos sobre possíveis preconceitos que essas pessoas deveriam ter experimentado ou, talvez, sigam experimentando por serem quem são em uma sociedade como a nossa, pois os marcadores biológicos são os considerados como definidores para ser homem ou ser mulher, conforme destaca Jesus (2012).

Atuando como assessora junto ao Comitê Gestor do Plano Estadual de Segurança Pública de Combate à Homofobia, da Secretaria de Estado de Segurança Pública e Defesa Social (SEGUP/PA), entre 2011-2016, propiciou-me ficar mais próximo de meu campo de pesquisa o qual vim a perceber, após tornar-me doutoranda, como ele foi importante para o entendimento daquilo que inquietava-me quando resolvi concorrer, em 2014, ao doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFPA), construindo minha tese a partir de duas pessoas escolhidas como interlocutores, por serem quem são – homens que enfrentaram situações de conflitos e resistência em suas transições. Optei por conhecer as experiências Augusto e Rai Carlos, que apesar de terem caminhos diferenciados nessa busca complexa por seus transitos, também possuem lá suas semelhanças e aí recaem as interseccionalidades, explicadas por Avtar Brah, 2006 (*apud* Pinheiro, 2019), a partir de marcadores de classe, gênero e raça. Em minha pesquisa destaquei outros marcadores, a partir da sinalização das narrativas deles, as quais mais adiante destacarei aqui.

Com base ao que expus acima apresento aqui, para esta produção, o seguinte objetivo geral: apresentar a construção das narrativas de dois homens em seus processos de transição e, como objetivos específicos: expressar algumas das escutas acerca das experiências desses homens e analisar suas falas para a composição do entendimento pretendido. Admito que minhas vivências profissionais

³ Por identificar-me com o gênero feminino desde o nascimento e por sentir atração/afeto pelo gênero masculino, a partir do que Jesus (2012), esclarece-nos.

propiciaram condições para que eu pudesse experimentar situações interativas com o MLGBTQIAP+⁴ em eventos diversificados, incluindo as Paradas de Orgulho LGBTQIAP+, assim como outros, também, importantes para o fortalecimento de direitos a todos esses segmentos sociais, fazendo com que eu acessasse esses homens e os convidasse para serem os interlocutores de minha tese, tendo a honra de eles terem aceito. Foram assinados termos de anuência, com ambos concordando em usar seus verdadeiros nomes, sendo ratificado o que foi proposto como trajetórias de vidas a partir das narrativas retratadas, conforme minha compreensão de Richard Price (2004 *apud* Pinheiro, 2019).

Este resumo visa trazer as discussões que promovi acerca de como essas interseccionalidades formaram aspectos importantes às vidas de Augusto e de Rai Carlos, a partir de marcadores importantes em suas experiências, dentre eles: transições e performatividades; relações e afetos; vida, um ato político; violências e readequação da genitália. Quando revejo essas falas é possível perceber aspectos em comum e, logicamente, aspectos envoltos de subjetividades, o que denota como essas etapas de transição foram encaradas em suas peculiaridades, apontando que não existe apenas um tipo de transexualidade, pois são plurais. E, nesta revisão, poder constatar que o entendimento às diversidades em suas pluralidades pode propiciar discussões importantes, no sentido de desconstrução de possíveis preconceitos em ambientes de circulação e convivência para eles e outros, estimulando a inclusão social.

METODOLOGIA

Antes de mais nada inicio este tópico com a seguinte frase: “Nada substitui, no entanto, a criatividade”, de acordo com Ferreira (2014, p. 16), reportando-me a essa especialista em metodologia de pesquisa para ratificar a forma como resgatei minha tese neste trabalho, recorrendo sobremaneira ao *apud*, a fim de repassar aqui partes das narrativas orais a partir de resgates, desde as infâncias de Augusto e Rai Carlos (aqui escrevendo Rai com “i”, pois na tese usei “y” e ele não advertiu-me por isso); como eles seguiram seus percalços para o gênero masculino. A tese seguiu o fluxo de uma pesquisa etnográfica baseada na

construção de relatos a partir das memórias resgatadas pelos interlocutores sobre os temas família, trabalho, amizades, relacionamentos, política, readequações em geral, dentre outros [...]. Utilizei, também, metodologia qualitativa com o uso de entrevistas

4 Movimento Lésbico, Gay, Bissexual, Travesti, Transexual, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual e + o que vier, a partir de momentos históricos.

e, sobretudo, procurei deixar os interlocutores à vontade, daí que aparecerão alguns sub-tópicos (Pinheiro, 2019, p. 61).

Kofes (2015 *apud* Pinheiro, 2019) destaca que na construção etnográfica é importante respeitar a condução que interlocutores (as) apontam e, às vezes, quando estava na escuta das narrativas parecia fugir ao que era pretendido, mas isso pode ser devido ao fato de certo vínculo surgido entre os interlocutores aqui nominados e eu. Segui, ainda, a linha de pesquisa qualitativa a partir de entrevistas semiestruturadas que, segundo Deslandes (2014 *apud* Pinheiro, 2019), correspondem em pensar perguntas que podem dar possibilidades a outras perguntas, a partir de repostas anteriormente informadas.

Cabe aqui enfatizar que, no decorrer de meu doutorado, vivi questões familiares emblemáticas que culminaram com a perda de meu genitor e, por ser filha única, eu e meu falecido pai transitávamos entre idas e vindas ao hospital, então o que pensei no início do curso foi meio que modificado sobre abordar um número maior de pessoas transgênero. Entendendo que meu campo pode ser considerado desde as experiências profissionais citadas

anteriormente, ou seja, observava e participava de alguns momentos com eles a partir do Comitê Gestor do Plano Estadual de Segurança Pública de Combate à Homofobia, efetivei três entrevistas com cada interlocutor, com a duração em média de 2h30min cada, sendo todas gravadas com as devidas concordâncias. Destaco que a pergunta inicial a ambos foi acerca da percepção que eles tinham sobre a identidade do gênero masculino e daí tudo discorreu.

Não houve necessidade de enviar ao Comitê de Ética, seguindo as orientações de minha orientadora que apenas indicou a feitura/assinatura de termo de anuência. A tese foi composta por três capítulos abaixo elencados:

1. Buscando entender conceitos para esta construção (com três subcapítulos) - Os estudos sobre transexualidades; Pensando gênero (s) e sexualidade (s) e, Sobre narrativas: como entendi.
2. A construção dessas histórias (com três subcapítulos e cada um desses com as respectivas subdivisões, a partir de narrativas apresentadas pelos interlocutores) - As narrativas de Augusto e Rai Carlos (introdução ao capítulo): Augusto - Corpo/transição/performance; Família/relacionamentos/amizades; Namoros/tensões; A política e seu trânsito; Enxergando as violências; O cuidado com as mulheres; Augusto X Felipe = amizade e; Por enquanto, redesignação, não!

Rai Carlos – Construções de gêneros e o despontar de uma identidade; E a família, como vai?; A política, o seu eixo articulador; As faces da violência que às vezes podem mascarar e, Vai ter redesignação, sim! As narrativas de Rai Carlos foram as mais emblemáticas por trazer muito de sua visão de mundo acerca de assuntos em que ele extrapolou o nível pessoal.

3. Augusto, Rai Carlos e suas interseccionalidades (apresentando cinco subcapítulos) - Suas transições, seus corpos e as performatividades; As relações e os afetos em suas vidas; Viver é um ato político; Violências visíveis e veladas e, Readequação, mas da genitália.

Além dos capítulos descritos acima expus, lógico, a introdução e a conclusão inclusa, denominei assim pelo fato de que pesquisas estão sempre abertas a novas possibilidades de (re) construções, a partir do que o trabalho aponta como finalização.

REFERENCIAL TEÓRICO

Neste resumo considero importante destacar algumas das bibliografias utilizadas em minha tese, além de algumas citadas aqui anteriormente. Contudo, pensar em trabalhar gêneros e sexualidades requer alguns renomes como, por exemplo, a historiadora Joan Scott (1990 *apud* Pinheiro, 2019), pioneira sobre tal conceito, baseada nos movimentos feministas americanos da década de 1980, fez-me entender que gêneros tem a ver com as construções socioculturais e não às características fisiológicas reduzidas às genitálias, como é o modelo até hoje considerado como aceito, a partir de padrões cisheteronormativos apresentados a partir de Jesus (2012 *apud* Pinheiro, 2019).

O eterno Foucault ([1988]1993 *apud* Pinheiro, 2019) é nome indispensável para quem opta por estudar gêneros/sexualidades, um outro pioneiro nessa área, especialmente analisando acerca do poder médico e jurídico sobre os corpos que buscam por suas alterações transexualizadoras, provocando certos atrasos em acessos para a garantia dos direitos desejados por homens e mulheres transgênero.

Seguindo os estudiosos clássicos sobre o tema não tem como deixar de fora os antropólogos Fry e MacRae (1985 *apud* Pinheiro, 2019) que na Antropologia brasileira tiveram destaque com sua obra “O que é homossexualidade?”, por trazerem reflexões envolvendo uma desconstrução sobre os papéis masculino e feminino no contexto social, associando-os unicamente às genitálias de

nascimento, também na década de 1980 e em pesquisa de campo aqui por Belém do Pará (minha cidade), em terreiros de religiões de matrizes africanas.

As autoras Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2015 *apud* Pinheiro, 2019), também pioneiras da sociologia sobre gêneros, analisam a “generificação” associada às representações sexuais. Apesar de serem do norte global, especificamente da Austrália, acabam demarcando um diferencial em relação a estudos nesse campo, fugindo de autores(as) comumente procurados; além do fato de que Raewyn Connell ter vivido seu processo de transição para o feminino, o que torna mais consolidada a obra utilizada, por conta de seu lugar de fala (Ribeiro, 2017).

Berenice Bento (2006 *apud* Pinheiro, 2019) uma socióloga que estuda gêneros especialmente questionando o papel da medicina sobre as transexualidades, avalia que o saber médico se encontra acima das subjetividades de pessoas que buscam por seus processos transexualizadores, enquanto direito, via política pública de saúde. Inclusive Rai Carlos fez toda sua transição através do Sistema Único de Saúde (SUS), de acordo com suas narrativas na tese.

Recorri, dentre outras produções, a Ricardo Miskolci (2009 *apud* Pinheiro, 2019) por destacar acerca da fluidez de gêneros a qual foi trabalhada, primeiramente, por uma historiadora italiana, Tereza de Lauretis, mas que no Brasil acaba seguindo outras percepções como a de associar a aspectos de homossexualidades, considerando que a teoria Queer instiga-nos a rever posturas de pessoas que, pela sociedade cisheteronormativa, são consideradas abjetas:

A denominação de “Teoria Queer”, usada em 1991, foi designada por Tereza de Lauretis, com a possibilidade de romper com os modelos estabelecidos relacionados tanto ao gênero quanto à sexualidade, confrontando com alguns setores oficialmente respaldados para manter o que seja “normal” (Pinheiro, 2019, p. 37).

Outro nome que avaliei importante, nesse campo, por ser um assistente social transhomem foi Almeida (2012 *apud* 2019). Doutor em saúde coletiva possui um artigo, dentre outros, que considero importante ter escolhido dentre meus levantamentos bibliográficos, questionando se as sequências transexualizadoras como a readequação de genitália, corroboram para uma identidade realmente masculina? Por ele ter uma formação ligada a minha área profissional e por seu lugar de fala (Ribeiro, 2017), instigou-me, naquele momento, a vê-lo como inédito a mim (tanto que o tive em minha banca de doutorado, o que acabou sendo um privilégio), considerando raros casos como ele, mesmo na atualidade.

Sabemos que os acessos à educação universitária são raros em se tratando de pessoas transgênero, sejam masculinas ou femininas, pois a maioria é expulsa

de seus lares e, também, das escolas, de maneira de certo modo ofensiva neste último caso Louro (2006 *apud* Pinheiro, 2019), pelo conjunto de atitudes de discriminação e preconceito as quais, ainda, não são enfrentadas dentro do contexto dos ambientes escolares, caracterizada pela ausência de atitudes que apontem para possível superação dessas relações abusivas. Ressalto que não ocorreu isso com Augusto como Rai Carlos, ambos possuem nível universitário completo, mesmo que tenham enfrentado situações de violências veladas ou explícitas, conforme suas narrativas (Pinheiro, 2019).

Jaqueline Gomes de Jesus (2012) uma psicóloga transfeminista produziu um *e-book* esclarecedor, pela Universidade Federal de Goiás, em que são apresentados conceitos e termos que envolvem as identidades diversas do mundo LGBTQIAP+. A escolhi, não somente pela qualidade de sua produção, mas por reunir em minha tese mais uma autora trans, dentre a/o citada/o anteriormente (Raewyn Connell e Guilherme Almeida). Penso ser importante esses destaques históricos para a academia e à comunidade LGBTQIAP+.

Caminhando para a construção metodológica, recorri a Richard Price (2004 *apud* Pinheiro, 2019), que enfatiza ser a etnografia um modelo científico que permite a socialização de vozes antes pouco escutadas, fazendo-me pensar que a academia tem esse papel, de tornar viável o acesso para representações, ainda, vistas como invisíveis ou abjetas, como vem a ser as pessoas transexuais em nossa sociedade, especialmente nesses últimos quatro anos de um governo fascista.

Coadunando com o olhar integrativo entre pesquisadora x interlocutores recorri a Suely Kofes (2015 *apud* Pinheiro, 2019), a qual aponta acerca do respeito que deve existir sobre as falas, ou narrativas, de quem está como o centro das entrevistas, entendendo que tal atitude é o que produz o fazer antropológico, ou seja, a construção etnográfica.

Por eu vir de outra área, no caso do Serviço Social para a Antropologia, a autora Mariza Peirano (2006 *apud* Pinheiro, 2019) promoveu-me a pensar exatamente sobre isso, pois pode se tornar difícil um olhar antropológico na escrita, contudo o importante é entender o “outro” e ser fiel ao que foi narrado sem julgamento, analisando pelo condutor antropológico. Foi necessário, também, entender as diferenças entre as modalidades de narrativas, histórias de vida e biografias, para tal recorri a Mary Del Priore (2009 *apud* Pinheiro, 2019) que discute sobre tais argumentos e consegue ressaltar “sobre a importância do registro da história de pessoas e sobre fatos pertinentes para a construção de novas possibilidades, devendo ser o trabalho construído com a devida responsabilidade” (Pinheiro, 2019, p. 67). Sigamos ao próximo tópico destacando os marcadores que foram importantes a partir do apresentado pelos interlocutores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui os marcadores serão destacados de forma sublinhada. Iniciarei pela idade como destacável nessas narrativas, pois ambos transitaram em momentos diferentes, Augusto iniciou sua transição aos 25 anos e Rai Carlos aos 48 anos. Recordo que ambos externaram medo de acessar algum tipo de hormônio de natureza duvidosa, ambos recorreram a médicos (as) que pudessem fornecer informações que lhes trouxessem segurança e Rai Caros admite ter feito tudo pelo SUS. Informaram ser mais comum o acesso a substâncias não indicadas, compradas de forma clandestina, por conta de políticas públicas pouco fortalecidas, até então e Bento (2006 *apud* Pinheiro, 2019) fala disso em seus estudos.

Ambos deixaram claro que desde cedo, na infância mesmo, se percebiam como meninos, Augusto pegava as cuecas de seu irmão para usar. Rai Carlos apesar de ter lançado mão ao uso de tal peça aos 14 anos, narrou que sempre usou roupas que são associadas ao masculino desde sua infância. As respectivas famílias não os reprimiram, pelo menos não foi citado nada a respeito disso e a de Rai Carlos chamou a atenção pelo fato disso ocorrer na década de 1960.

Sobre o avançar para a adolescência Augusto se deparou com um momento difícil de aceitar, por simplesmente não querer os seios e o processo menstrual, que ele denominou de “intrusos” e “monstruação”, respectivamente, diferente de Rai Carlos que quase não possuía seios e só veio a ter sua menarca a partir de adoção de hormônios femininos para isso, aos seus 18 anos; tendo ele em seus 3 meses de nascido, se submetido a uma intervenção cirúrgica que o “definiu” como uma menina, por parte da genitália e disse que por conta dessa caracterização avalia não ter tido “tantos conflitos”, seja com sua construção, seja com sua identidade masculina. Cabe destacar que este último pode ser entendido como uma pessoa intersexual.

Sobre esse argumento a respeito da intersexualidade de Ray Carlos, é bom que seja ressaltado que pelo exame de cariótipo ele apresentou o cromossomo Y, o que pela ciência tal fato o equipararia a um intersex. Fausto-Sterling (2001/2002) apresentou esta discussão, assim como Machado (2005), autoras que reforçam o fato de que o social precisa ser respeitado para além do olhar médico. Entretanto, ainda prevalece o fator biológico, considerado como preponderante. Talvez fosse mais indicado, em respeito à construção social dessas identidades, que pudesse ser aguardado um momento em que as escolhas por parte das próprias pessoas pudessem ocorrer, mesmo sendo ainda menores de idade, algo que já contribuiria para resultados mais gratificantes (Pinheiro, 2019, p. 208).

Outro marcador é a disforia de gênero fazendo com que Augusto admitisse que se sentiu em certos momentos assim, por conta dos volumes dos seios mesmo que ele usasse o binder, sem que conseguisse a devida segurança para poder sair de casa por não se perceber masculino. Rai Carlos informou nunca ter se sentido disfórico e que foi a medicina quem produziu tal “loucura” para as pessoas transgênero.

Bento, 2006, relata o momento, a partir da década de 1960, no qual nos EUA começam a ser criados centros de atendimento a pessoas transgênero e, em 1969, as transexualidades passaram a ser consideradas uma “disforia de gênero”, que viria a ser a não aceitação do corpo e/ou genitália assignada ao nascer. Isto reforça a construção de designações a partir do que é rotulado como normal, enquadrando as pessoas trans como portadoras de um distúrbio (Pinheiro, 2019, p. 209).

Sobre família Augusto informou ter acolhimento dentro da sua, até seus binders⁵ eram confeccionados pela avó materna, apesar de seus pais serem separados o genitor também o acolhe, foi ele quem o ensinou a empinar pipa (sic)⁶ e, quando ocorria alguma situação de violência nas escolas pelas quais passou, era o pai quem ia até lá, porque Augusto revidava à altura do que sofria, sendo transferido sempre para outra durante seu ensino fundamental maior. Diz que ele e seu irmão foram criados de perto apenas por mulheres: mãe, tias e a avó, inclusive mais por esta última, por conta de sua mãe ser uma mulher que precisava trabalhar fora para poder sustentar os filhos e que ela é uma pessoa bastante carinhosa, sendo seus vínculos com ela muito forte, demonstrando que lá as regras existiam de forma flexível.

Rai Carlos narrou que sua família o acolheu desde cedo, contudo não chegou a expressar o carinho por parte da genitora, como o outro interlocutor destacou, pois era seu genitor quem acabava mediando certas atitudes que o filho adotava em sua construção de gênero, dentro de uma família que assumia regras rígidas para muitas coisas. Seu pai construiu outras duas famílias e com seus novos irmãos não mantém muito contato.

Quanto à vida afetiva Augusto diz ter dito poucos namoros (quatro até então) sempre com mulheres cis e mais “pegações” (sic), desejava casar e ter filhos/as; não gostava de frequentar points de LGBTQIAP+ para que não fosse confundido como uma mulher lésbica. Passada a pesquisa ele estava noivo com uma mulher trans, em 2017. Em relação a Rai Carlos, este talvez por ter vivido outra época e com uma educação mais rígida, informou que frequentava as chamadas tertúlias,

5 Espécie de faixa que aperta a ponto de disfarçar totalmente o volume dos seios.

6 (sic) – segundo informações contadas.

que eram bailes disponibilizados em alguns clubes elitizados da cidade de Belém na década de 1980, geralmente nas tardes de domingo, tendo dificuldades para relacionamentos com mulheres, também cis, apenas olhava as garotas de sua faixa etária frequentadoras desses bailes. Durante sua trajetória teve cinco relacionamentos e o último culminou em seu casamento, estando na época da defesa da tese, em 2019, há 22 anos casados.

Sobre amizades Augusto tinha um amigo muito próximo que codinomei de Felipe, era outro homem trans de idades próximas, as mães deles se conheceram e as relações eram boas. Este amigo era tão próximo que em nossa primeira entrevista Augusto marcou na casa dele. Infelizmente algum tempo depois, soube pelas redes sociais que o rapaz havia falecido e confesso não tive coragem de perguntar como ocorreu, só entendi que não foi por algum tipo de violência. Já Rai Carlos não mencionou nenhum vínculo de amizade que pudesse ser levado por ele em suas falas para o contexto da pesquisa.

Em relação ao marcador política hei de enfatizar que viver é um ato político e entre os dois as diferenças em torno de suas identidades carregam peculiaridades e diferenças, afinal se trata de um aspecto interseccional trazido em suas narrativas. Augusto iniciou seu processo de transição em 2015, com mais homens trans circulando entre seu círculo, com mais informações em meio à internet, porém não percebi engajamento militante ao MLGBTQIAP+, talvez por receio de se expor, afinal entramos 2016 com um golpe iniciado que derrubou não somente uma presidenta, mas foi o andamento de várias regressões em nível de políticas públicas e, ainda, a supervalorização de valores religiosos de caráter fundamentalistas, desenvolvendo discursos conservadores dentro de espaços para além dos privados, com um (des)governo do qual conseguimos mudar após quatro desesperadores anos.

Rai Carlos fazia essas leituras das conjunturas políticas pelas quais passou o nosso país, ele foi militante do PC do B na época da ditadura e tinha muito receio de como estava caminhando o país desde 2016; fazia suas análises acerca de pessoas LGBTQIA+ usarem apenas as redes sociais como forma de militância, sem uma expressão política mais forte.

[...], chamou a atenção para o momento político crucial vivido por todes neste país. Para ele, ao invés de usarem as redes sociais como forma de cyber ativismo ou falar de situações particulares, deveriam se articular e fortalecer o segmento para que possíveis perdas não venham a ocorrer, bem como o tipo de exposição que observa pode levar a perseguições, caso haja a implantação de uma ditadura propriamente dita (Pinheiro, 2019, p. 217).

As violências, estas se deram de várias maneiras, sendo explícitas ou veladas em suas trajetórias. Augusto se deparou mais em seu ensino fundamental maior, quando ao ser provocado reagia com violência também. Houve um de seus relatos em que ele chegou a empurrar uma adolescente da escada de uma escola por conta da zombaria, provocação e falta de empatia para consigo. Para Rai Carlos os momentos em que estudou como adolescente as violências eram menos tensas, mas não menos densas, recebendo apelido ou simplesmente ser invisibilizado em certos momentos, mas que ele respondia negando cola ou passando por meio a colegas que o desrespeitavam, com a cabeça erguida. Cada pessoa sabe o que e como algo pode atingir sua subjetividade, este tópico na construção da tese mostrou que, mesmo em décadas de diferença entre essas trajetórias, o ambiente escolar necessita de mudanças acerca de diversidades, gêneros, sexualidades, raça/etnia, classes e outros tantos marcadores sociais que compõem nossa sociedade promovendo, sim, inclusão social.

A genitália como o último marcador destacado em que para Augusto não era pensado no momento da pesquisa em chegar a tal culminância de redesignação, talvez num futuro no qual ainda não havia projetado em mente, pois ele pesquisando sobre como ocorre tal procedimento disse ser bastante complexo e só de pensar em retirar um pedaço de pele de um de seus braços, vindo a deixar marcas expostas o deixava desencorajado para tal. Já para Rai Carlos é o seu desejo, pois se identifica como uma pessoa falocêntrica, que anseia em ter seu próprio pênis, apesar de saber das complexidades e risco de morte numa cirurgia de redesignação para o masculino, tanto que no Brasil, ainda não ocorreu nenhuma, devendo ir para os Estados Unidos fazê-la, tão logo possa. Vale ressaltar que os dois não gostam de associar o adjetivo trans à identificação do homem construído por eles mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendi, com minha etnografia, juntar minhas experiências e concepções como assistente social diante de situações que causavam inquietudes/indignação envolvendo usuários(as) e suas diversidades, acabando por fazer-me escolher a temática de gêneros (ou a temática escolheu-me); dentro do tema segui com o intuito de conhecer um pouco sobre as transgeneridades masculinas e assim, chamar a atenção para a necessidade de discussões em todos os espaços, a fim de enfrentarmos a violência com respeito e empatia: Augusto um rapaz atualmente com 32 anos, graduado em Marketing e atuando como profissional liberal devida à baixa absorção da força de trabalho de pessoas transgênero no mercado, em

empregos formais pela maioria dessa comunidade, sendo isso ponto para discussões em diversos eventos mobilizados pelo MLBTQIAP+, pois ainda é pequeno o acesso à escolaridade e mercado formal a esse público.

Rai Carlos pode ser considerado um privilegiado em relação a esses acessos, atualmente com 61 anos, um eterno militante das causas LGBTQIAP+, polêmico quase que sempre, é graduado em Filosofia e bacharel em Direito (sic), é o primeiro homem trans da região norte. Assim, como o outro interlocutor, optou em determinado momento por viver em certa invisibilidade como medida de segurança aos seus corpos e as suas vidas considerando, especialmente, os anos 2018-2022, contudo apesar das inseguranças apresentaram vários marcadores que interseccionaram em suas histórias e os quais foram apresentados resumidamente no tópico anterior. Tal invisibilidade informada faz-me reportar a Sedgwick, 2007 *apud* Pinheiro, 2019, quando usa a metáfora do armário e como recorreremos a ele para nos proteger, não somente pessoas homossexuais o fazem, mas qualquer um de nós temos os nossos e, até eventualmente, dependendo da necessidade vivida, o que torna um ato político.

A decisão pela busca à hormonioterapia envolve a discussão sobre as políticas públicas oferecidas a essa comunidade, a qual necessita ser respeitada em suas construções das identidades de gênero, Augusto recorria a médicos sempre que podia, às vezes pagando por isso, para poder acessar um receituário que prescrevesse o hormônio que pudesse comprar em farmácia. Rai Carlos, talvez por ter mais vivência, aguardou um pouco (iniciou na maturidade, com quase 50 anos) para buscar por esses medicamentos por medo de desencadear alguma doença e viesse a morrer, pesquisava bastante e utilizou o SUS com uma desenvoltura peculiar quando visa alcançar direitos; inclusive foi e talvez seja novamente, na atualidade, conselheiro de saúde representando a sociedade civil junto a seu município, Marituba, dialogando com o Ministério da Saúde e, assim, demonstrando a importância da participação como controle social, a partir do que apresenta Almeida, 2010b *apud* Pinheiro, 2019.

Essas trajetórias narradas e resumidas neste trabalho apontam como, ainda, é necessário conhecer mais sobre as transexualidades no sentido de desmistificar tantas coisas em pleno século XXI, na educação escolar e dentro de ambientes universitários faz-se necessário, haja vista que assim poderá ser enfrentadas atitudes de preconceito e discriminação, bem como poder formar profissionais mais empáticos/as a situações que serão atendidas em espaços diversificados, sejam públicos ou privados, incluindo atendimentos com famílias que vivam e/ou convivam com pessoas LGBTQIAP+. Aqui foi apenas um pequeno recorte ao que pode

e deve surgir no campo de pesquisa acerca da temática ora apresentada, no caso eu, como aliada às lutas por mais direitos e igualdades.

AGRADECIMENTOS

Sigo sempre grata, a Augusto e a Rai Carlos, pela construção etnográfica que me marcaram pelas trocas e aprendizagens.

REFERÊNCIAS

DESLANDES, S. F. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero:** conceitos e termos. Disponível em: <<https://www.diversidadesesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>>. Acesso: em 20 out. 2023.

PINHEIRO, E. do S. G. *Corpos que transitam: as trajetórias desafiadoras de dois homens*, 2019, 249 p. Tese de doutorado.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificado, 2017.